

A construção do “eu” de Marc Bloch em *L'étrange défaite*

JOUGI GUIMARÃES YAMASHITA*

*Nada passa, nada expira
o passado é um rio que dorme
e a memória uma mentira multiforme*
(AGUALUSA, 2004:4)

Este é o início da canção que embala o cotidiano de Félix Ventura, um homem albino que mora em Luanda e tem um ofício peculiar: vende passados às pessoas. Indivíduos que emergem socialmente em Angola recorrem a ele; se o futuro lhes parece próspero, o passado deve ser reformulado para dar conta, enfim, de uma vida repleta de glórias. É essa a coerência que todos reclamam para si.

Com o tempo, Félix Ventura percebe o estranho poder que seu trabalho lhe confere: os novos passados garantem nova identidade para esses indivíduos não apenas aos olhos da sociedade. Mais emblemático que isso é o fato de as próprias pessoas que pagaram por essa construção do passado – ou seja, estão conscienciosas do embuste – “vestirem a máscara” de forma impressionante. O sotaque muda, dependendo do novo local de nascimento ou das temporadas em que se viveu em outro país, as vestimentas se alteram, bem como os trejeitos, os costumes... Parece que o “passado antigo”, o que fora realmente vivido por aquelas pessoas, foi definitivamente esquecido. A montagem da memória, muitas vezes debatida entre o albino e seus clientes, ganhava força a ponto de se tornar uma nova “verdade”. Era isso que garantia o sustento do personagem do romance de José Eduardo Agualusa: a “mentira multiforme” da memória.

O tema da construção da memória, temática base do livro, é também uma preocupação constante do presente artigo. Obviamente, há diferenças no trato desta problemática. Afirmar, em um trabalho de história, que a memória é uma mentira certamente tornaria inválido o trabalho. No entanto, é inegável que, assim como no caso do livro de Agualusa, percebe-se nas análises historiográficas como a memória de um

* Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

personagem histórico adquire, em inúmeros casos, uma força que acaba “aprisionando” a visão que se tem dele.

É esse o caso de Marc Bloch. Quando se enuncia o seu nome em um debate acadêmico, automaticamente se espera entrar na discussão sobre o papel dos *Annales* na historiografia francesa e, talvez, sobre os méritos de um trabalho tão rico como *Apologia da história*¹ – escrito em condições tão inóspitas, no contexto da Segunda Guerra Mundial. A memória que se tem dele está intrinsecamente ligada à questão da historiografia francesa do século XX.

Certamente, os *Annales* são um legado fundamental de sua trajetória, e tal associação é praticamente inquebrável. Só que deve ser levado em conta que uma vida não se resume a uma obra apenas; ela sempre é muito mais complexa do que isso. No caso, basta lembrar que sua fama fora garantida não apenas pelos trabalhos acadêmicos, mas também pela maneira com a qual terminou a sua vida: o dia 16 de junho de 1944, quando o historiador foi fuzilado por membros da Gestapo que o tinham como prisioneiro. Marc Bloch virava, assim, um exemplo de erudito: trabalhara em nome da verdade e da justiça no papel, mas também com armas em punho.

Os *Annales* foram um espaço importante de produção dessa memória. Destacasse o nome de Lucien Febvre², que expõe em uma série de artigos³ a dor da perda e o legado deixado pelo amigo. Nesses artigos, algumas ideias-chave que posteriormente se consagrariam como a memória “oficial” de Bloch vão aparecer, tais como a de um “santo”, um mártir, bem como a de um intelectual reconhecido e que sempre teria lutado pela verdade e pela justiça e, por isso, seu engajamento na Resistência não deveria ser surpresa para ninguém. Pelo contrário, seria apenas a coroação de uma vida plenamente coerente. Se o retorno do amigo nunca ocorreria, ao menos ele tinha deixado um legado que garantiria a sua eternidade: a própria revista dos *Annales*, dirigida por Febvre.

Essa coerência, no entanto, deve ser questionada pelos historiadores. O processo de construção mnemônica pressupõe o lembrar e o não lembrar. Por isso, como em qualquer outro esforço de memória, aqui também são percebidos alguns esquecimentos

¹ Marc Bloch. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

² Outros nomes também prestaram suas homenagens a Bloch no espaço dos *Annales*. Os de mais fôlego, à parte de Lucien Febvre, são os de Georges Altman, companheiro de Bloch na Resistência (1945:11-14) e Fernand Braudel, que “herdou” de Bloch e Febvre a direção dos *Annales* (1959:91-92).

³ Artigos estes listados nas Referências Bibliográficas.

(RICOEUR, 2008). A força da imagem de um Bloch-herói faz com que se “perca” o fato de que entre a interrupção do manuscrito de *Apologia da história* e o seu fuzilamento houve um lapso de alguns meses; que ele, “ardente patriota” da Resistência, por muito pouco não havia fugido para os Estados Unidos quando a França fora derrotada pelas forças alemãs; que os *Annales* não mudaram a maneira de pensar e escrever a história desde a sua fundação em 1929; e que Marc Bloch não foi um historiador tão célebre em vida (DUMOULIN, 2003).

Também se deve marcar que a dotação de sua figura como um “clássico” (CALVINO, 1994), indispensável e conhecido aos historiadores, é algo indelevelmente datado. Se o seu nome hoje soa tão familiar aos ouvidos dos profissionais de história, há algumas décadas não aconteceria o mesmo. Imediatamente após a sua morte, na França, seria muito ousado criticar um homem que havia morrido nas mãos da Gestapo. O processo foi o seguinte: criou-se uma aura de um homem que era quase um “santo”⁴ e que, justamente por conta de sua suposta santidade, não podia ser contestado. Dentro do espaço acadêmico, talvez a fim de evitar o desgaste de um questionamento de suas virtudes, a obra de Bloch passou a não participar dos debates sobre as direções que a história tomava⁵. Ora, quem não é lido, é “esquecido”. Durante alguns anos, o Bloch-historiador ficou no limbo da história. Por outro lado, o Bloch-herói, responsável por isso, permaneceu intocável, dentro de um espaço muito restrito. Apenas era lembrado no meio familiar e dos amigos mais próximos. Isso durou até a ressurreição definitiva do seu nome durante a década de 1980, momento em que ele aparece como a resposta dos *Annales* à “crise” da história (NOIRIEL, 1996). Se as grandes estruturas de pensamento – como o marxismo e os próprios *Annales* – não eram mais capazes de responder aos anseios dos historiadores, a resposta a isso apareceu em *Apologia da história*, um livro inacabado que nunca teve pretensões de ser um guia, mas foi elevado a tal condição. Começava o “momento Bloch” (DUMOULIN, 2003). Curiosamente, a reparação do historiador-Bloch acabou “salvando” o herói-Bloch da solidão eterna nos poços mais profundos da memória familiar e afetiva, e o lançou ao mundo dos liceus, peças de teatro e nomes de rua. Esse momento persiste até os dias de hoje.

⁴ Essa classificação de um Bloch “santo” foi utilizada por Lucien Febvre nos *Annales*, quando falava de sua morte (1944).

⁵ Fala-se aqui no contexto da visão de história de Bloch, e não de referências específicas ao mundo medieval, que continuaram, mesmo que de forma restrita.

Percebe-se, com esse breve apontamento, que a memória do historiador morto em 1944 variou bastante conforme o tempo. É como diz Agualusa: “[...] a memória é uma paisagem contemplada de um comboio em movimento” (2004:153). Muito disso tem a ver com o que Henry Rousso classifica como a “síndrome de Vichy” (ROUSSO, 1990): durante muito tempo era necessário esquecer a experiência colaboracionista de Vichy⁶, o trauma de que franceses enviaram seus concidadãos a campos de concentração. Por isso, glorificavam-se os resistentes (que eram uma parcela mínima da população), e criava-se uma aura de que na França, após a derrota de 1940, só havia patriotas dispostos a morrer pela liberdade do país. Era como se todos fossem resistentes⁷. Apenas a partir da década de 1970, sobretudo após a publicação do livro de Robert Paxton sobre Vichy em 1972 (PAXTON, 1997), que essa visão começa a ser modificada e relativizada – não sem sofrimento – na França⁸. Mesmo assim, fica clara a força da síndrome: foi somente após a intervenção de um norte-americano que a França conseguiu detectar e superar o regime de “abuso da memória” (TODOROV, 2000) em que estava vivendo.

Outra consideração importante: nenhuma memória se constrói a partir “do nada”. O nome de Marc Bloch não foi escolhido aleatoriamente para ser elevado ao patamar daqueles que deviam ser lembrados pelos franceses como heróis da Resistência. Sua trajetória, de fato, apresentava algo sedutor aos apelos da sociedade francesa por histórias que não fossem as de colaboração, covardia ou passividade diante do inimigo histórico (a Alemanha) na Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, é interessante perceber que o próprio Bloch exerceu um papel-chave na confecção de sua memória *post-mortem*. Em alguns textos, ele deixou pistas de como gostaria de ser lembrado, ou seja, qual era a imagem que ele tinha de si mesmo, imagem esta que apresenta diversas consonâncias com aquela que acabou se consagrando – e que expusemos acima.

⁶ Após a derrota, o território nacional francês foi dividido em vários. Um deles foi o governo de Vichy, colaboracionista com os nazistas.

⁷ A noção de resistência foi ampliada a limites muito fluidos. Muitas ações pequenas, como ouvir a rádio BBC de Londres (mesmo sem entender as mensagens enviadas por De Gaulle) ou chegar em casa depois do toque de recolher, eram reclamadas posteriormente como um ato de resistência (LABORIE, 2003; TODOROV, 200).

⁸ Curiosamente, é a mesma década em que Marc Bloch retorna timidamente ao debate acadêmico. Georges Duby faz um prefácio de *Apologia da história* criticando severamente a obra, e parece que aí se abre o espaço para contestar o autor até então “sagrado”.

Isso fica muito claro em *L'étrange défaite* (1990), sua análise da derrota da França na Segunda Guerra Mundial. Um texto no qual tenta “escapar” – sem sucesso – de sua subjetividade, escrevendo um testemunho de “caráter civil”. Ali, ele apresenta ao leitor a sua trajetória e suas impressões sobre o percurso da nação francesa no conflito. Logo no início do texto, ele já fazia questão de se afirmar como um homem de ação, que lutava pela França: “Em 1915, após uma convalescência, juntei-me ao *front* antes da minha vez, como voluntário. Em 1939, mantive-me em atividade, apesar da minha idade e de meus seis filhos que, há tempos, me haviam dado o direito de pregar meu uniforme” (BLOCH, 1990:33; tradução livre).

Portanto, atuar no conflito como militar foi uma opção sua. A despeito da idade avançada e das condições de treinamento, ele queria estar a serviço da pátria. Em setembro de 1938 foi chamado para o grupo de subdivisão de Estrasburgo. Ou seja, Marc Bloch exerceu desde o início da guerra um cargo administrativo no Estado Maior francês. Depois da mobilização dos soldados em 1939, diz que teve poucas atividades para realizar. Se o ócio não chateava o Bloch-historiador, incomodava demais o Bloch-cidadão. Como ele dizia, “[...] um historiador não fica entediado tão facilmente: ele pode sempre se lembrar, observar, escrever. Mas a inutilidade, quando a nação está em luta, é um sentimento insuportável” (BLOCH, 1990:36; tradução livre).

Muito o incomodava a vida “pouco febril” de um burocrata do exército (BLOCH, 1990:35). Frente a essa falta de utilidade, buscou desesperadamente mudar de cargo. Conseguiu fazê-lo graças a um contato que tinha no alto comando. Foi alocado no comando do primeiro exército em Bohain, na Picardia, onde exerceu a função de cuidar da ligação dos franceses com as forças britânicas (1990:37). Cabia a ele controlar a distribuição de combustível para todos os equipamentos motorizados do exército francês. Logo ele percebeu que sua função era a de não fazer praticamente nada, mais uma vez. Em maio de 1940, chegou inclusive a solicitar o retorno à Sorbonne (1990:39). Ele achava que estava perdendo em tempo e em ação. Tinha como contribuir muito melhor ao caminho do exército: “Reduzido, dia após dia, a identificar latas ou a calcular, a conta-gotas, as alocações de gasolina, sentia novamente, talvez erroneamente, o sentimento de que talvez eu tivesse forças intelectuais e de espírito empreendedor que não estavam sendo bem empregados” (1990:39; tradução livre).

E assim Bloch começava a se inquietar com a sua situação: ele acreditava ser alguém com espírito empreendedor, capaz de contribuir para a guerra muito além do que de forma burocrática, mas tinha que atuar somente dentro dessas formalidades.

No dia 28 de maio de 1940, o capitão-historiador recebeu repentinamente a ordem de esvaziar, inutilizar e abandonar os caminhões-cisterna que comandava. Seu general (Prioux), nesse dia, comunicou aos seus homens que estava desesperado para garantir a retirada de pelo menos duas de suas divisões. Escolheu alguns para ficar com ele esperando o inimigo e mandou os outros ao litoral. Bloch experimentava, ainda sem saber, a Retirada de Dunquerque, que se consolidaria no dia seguinte. Entre os mais de trezentos mil homens que foram evacuados da região à Inglaterra estava o autor de *L'étrange défaite*.

Após um período curto fora do país, Bloch retornava ao solo nacional, em Caen. No dia seguinte, Bloch percebeu que o clima na cidade não era dos melhores. Corria o rumor de que o inimigo se aproximava. E ele estava determinado a não cair como prisioneiro. Disse que permaneceria em seu posto apenas se acreditasse que, assim, estaria sendo útil para a nação. Como não era o caso, ele fugiu: “[...] minha inutilidade era flagrante; parecia-me claramente que o único meio de continuar a servir, de algum modo, a meu país e aos meus era fugir, antes que a armadilha acabasse de se fechar” (BLOCH, 1990:52; tradução livre).

Esquivar-se do perigo, pelo menos no discurso de Bloch, era então ainda ser útil à pátria. Sua participação na guerra não podia acabar ali. Mas o momento era de se reestruturar. Bloch deixou de lado a farda e assumiu a sua identidade de historiador e alojou-se durante alguns dias em um hotel em Rennes, graças a um contato⁹ que tinha na cidade. Na ocasião, não usou nenhum pseudônimo. Achou por bem apenas “tirar a máscara” do soldado e “colocar” a do historiador:

Foi acreditando que não há melhor maneira de se esconder do que sob seu próprio personagem, escrevi na folha que me entregaram meu verdadeiro nome e profissão. Meus cabelos grisalhos me assegurariam que, Por trás do universitário, ninguém procuraria o oficial (BLOCH, 1990:53; tradução livre).

⁹ Um amigo que também era professor. (BLOCH, 1990:59; tradução livre).

Em Rennes, Bloch experimentou uma situação que o entristeceu: uma coabitação pacífica entre os franceses e os oficiais alemães que ocupavam a cidade¹⁰. Homens que há poucos dias só os abordariam com um revólver na mão circulavam por ali sem maiores preocupações. Acreditando ser insuportável viver essa “farsa”, Bloch partiu para Guéret, a fim de reencontrar sua família. Sobre este reencontro, ele achou prudente não relatar: “[...] eles fazem meu coração bater muito forte. Que o silêncio paire sobre eles!” (BLOCH, 1990:54; tradução livre).

Foi naquele contexto que Bloch fechou seu relato sobre o seu caminho individual em 1940. Não havia motivos para ir adiante. Naquele momento em que retornou ao seu país, a derrota, grande tema do testemunho, já havia se concretizado. Seu texto, então, toma outra direção: a da análise dos principais motivos para a derrocada do país. Quanto ao combate “de fato”, ele narra que não o presenciou naquele ano. A batalha sempre esteve próxima, mas Bloch não precisou pegar em armas em tal momento. Sua experiência se deu apenas no campo administrativo. E foi ali que ele percebeu as mazelas sócio-históricas que levaram a França ao abismo da derrota.

O grande problema que levou a França à derrota, para ele, tinha sido o da incapacidade do alto comando (BLOCH, 1990:55; tradução livre). Pairava nesse grupo uma mentalidade “atrasada”, que não cabia no novo contexto, especialmente frente a uma Alemanha que se mostrava tão rápida e efetiva em seu avanço – a famosa estratégia do *Blitzkrieg*.

A burocracia o incomodava. O “culto aos papéis” chegava a ser obsessivo. Os documentos deviam ser impecáveis, minuciosamente detalhados, bem escritos. Ora, tudo isso poderia até ser considerado virtude, se os homens não se encontrassem em tempos de guerra. E o pior: ao invés de ordenar a ação, as exigências burocráticas só traziam a impressão de desarranjar o exército. Quando houve a necessidade de agir rapidamente, os chefes confundiram frequentemente a febre necessária com a correção imposta pelas medidas oficiais.

Reinava, por isso, uma passividade extrema. Os costumes não acompanharam a mudança dos tempos. Parecia não haver jeito. Quando o avanço alemão se fazia mais real, o desespero não acarretava na ação, mas em mais inércia. A passividade parecia ser

¹⁰ Essa idéia de que o cotidiano continua, mesmo em situações-limite, é trabalhada por Pierre Laborie, que usa o conceito de “zona cinzenta” (LABORIE: 2003).

o refúgio daqueles homens. Isso incomodava demais os que queriam agir. Um comandante de Bloch, certa vez, disse ao general Blanchard: “Faça o que você quiser, meu general. Mas, ao menos, faça alguma coisa.” (BLOCH, 1990:41; tradução livre).

O motivo de quase nenhuma medida ser tomada era, obviamente, o alto comando. Os chefes de 1940 eram os generais de divisões de 1918, bem como os seus ajudantes. Todos estavam impregnados com recordações da campanha anterior. Não foram capazes de compreender a irresistível lei da mudança. E os oficiais de alta patente que não participaram da campanha de 1914-1918 eram, justamente, os protegidos dos senhores veteranos.

Com todo esse quadro desfavorável, a vitória para Bloch só ocorreria mesmo se algo extraordinário ocorresse. “O mundo é de quem ama o novo”, e os comandantes franceses não pareciam compartilhar com esse espírito de mudança que rege a história e as sociedades (BLOCH, 1990:58).

É claro que Marc Bloch, na qualidade de um historiador que defendia que a realidade social era fluida e complexa (BLOCH, 2001:140), não podia ficar satisfeito em terminar a sua análise responsabilizando apenas um grupo pela derrocada da nação. Obviamente, era do alto comando que se esperava a energia e a ação necessárias para insuflar o *front* e conduzir os soldados à vitória. Mas, como ele mesmo diz, jamais um corpo profissional é por si só totalmente responsável por seus próprios atos. Muito mais poderosa do que esta pretensa autonomia moral dos comandantes é a *solidariedade coletiva*, que não ocorria naquele conflito. Parecia que os membros da retaguarda não se importavam com as mortes dos homens do *front*. Os sindicatos pregavam um pacifismo que não cabia – a nação estava sendo atacada, e buscar paz naquele momento significava se curvar ao inimigo ao preço da perda da liberdade. As indústrias buscaram um lucro excessivo, sem pensar que o Estado não tinha dinheiro suficiente para levar à frente a guerra. O sentimento nacional não fora estimulado devidamente pelos órgãos de propaganda.

Todos esses elementos de *L'étrange défaite* mostram que, aos olhos de Marc Bloch, a França foi derrotada não apenas pela capacidade do inimigo, mas porque no interior da maioria dos franceses parecia ter “faltado algo”. Liberdade para tomar decisões, ação imaginativa, vontade de vencer, enfim, o que faltou ao povo francês – não só ao alto comando – foi a capacidade de adaptação a uma nova era. A falha,

portanto, estava na instrução, na formação das mentes que participavam da coletividade chamada França. A derrota fora puramente intelectual aos seus olhos.

Em linhas gerais, são esses alguns dos traços do testemunho de Bloch que o consagraram como um dos melhores textos sobre a guerra. Uma memória que, como qualquer outra, é uma reconstrução psíquica e intelectual do passado e que, por isso, acarreta numa representação *seletiva* do mesmo (ROUSSO, 2001). Esta representação nunca é do indivíduo somente; é, portanto, *coletiva* e possui ligações muito estreitas com a *identidade social* (POLLAK, 1992). O caráter seletivo da memória explicaria determinadas ausências no testemunho de Bloch, algumas conscientes – como o momento em que ele deixa de descrever alguns dias de treinamento militar, ou então a omissão de alguns nomes em determinadas situações narradas –, e outras não, perceptíveis talvez por aqueles que lêem o testemunho *a posteriori* – e o próprio autor alerta que novas fontes e momentos diferentes trariam novas percepções sobre o contexto. Percebe-se, afinal, que por mais complexo que seja o estudo da memória para um historiador, ele não pode ser deixado de lado, uma vez que por trás da produção de uma memória sempre há um sentido, um interesse.

Deve-se, no entanto estar sempre atento à complexidade implícita no estudo de testemunhos como o de Marc Bloch: não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração (SARLO, 2007). Por isso, lidar com textos como esse é lidar com uma escrita que é uma *construção*, mas que não poderia ser menos subjetiva justamente pela característica indelével desse tipo de discurso. Bloch escreve o que lembra, e lembrar é algo incontrolável e *sempre incompleto*. Cai-se aqui em mais uma armadilha inescapável. É mais importante entender do que lembrar. Mas existe alguma maneira de entender que deixe o lembrar de lado?

L'étrange défaite é um trabalho de memória. Assim, por mais comovente que algumas passagens possam parecer, a intensidade da experiência vivida por Bloch não é passível de ser representada – e esse não é um traço apenas do testemunho do qual tratamos, mas um lugar-comum para esse gênero (SARLO, 2007). Mesmo assim, percebe-se aflorar em cada página sua individualidade. Mais do que isso, consegue-se enxergar a imagem de Bloch tal como ele desejou ser lembrado: um cidadão francês, antes de tudo, que lutou pela verdade e justiça em sua nação, e que, mesmo em um

momento tão intenso como fora a guerra, nunca hesitou em exercer (através de *L'étrange défaite* e *Apologie pour l'histoire*) seu papel principal naquela sociedade – o de historiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes

ALTMAN, Georges. “Au temps de la clandestinité: notre ‘Narbonne’ de la résistance.” In: *Annales d'histoire sociale*. 8^e anée, n.1, 1945.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *L'étrange défaite*. Paris: Gallimard (Folio), 1990.

BLOCH, Marc, FEBVRE, Lucien. “Marc Bloch. Témoignages sur la période 1939-1940: extraits d'une correspondance intime”. In: *Annales d'histoire sociale*. 8^e anée, n.1, 1945.

BRAUDEL, Fernand. “Marc Bloch à l'honneur”. In: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 14^e année, n.1, 1959, p.91-92.

_____. “1944-964: Marc Bloch”. In: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. 19^e anée, n.5, 1964, p. 833-834.

FEBVRE, Lucien. “À nos lecteurs”. In: *Annales d'histoire sociale*. 8^e anée, n.1, 1945, p. 3-5.

_____. “De l'histoire au martyre. Marc Bloch 1886-1944”. In: *Annales d'histoire sociale*. 8^e anée, n.1, 1945, p. 1-10.

_____. “Marc Bloch: dix ans après”. In: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. 9^e année, n. 2, 1954, p. 145-147.

_____. “Marc Bloch, fusillé”. In: *Mélanges d'histoire sociale*, N^o 6, 1944.

_____. “Marc Bloch. Témoignages sur la période 1939-1940: extraits d'une correspondance intime”. In: *Annales d'histoire sociale*, 8^e année, N.1, 1945, p. 15-32.

2. Artigos e livros consultados

ALTUNA, José Antonio Ereño. “Marc Bloch visto por Lucien Febvre”. *Letras de Deusto*, Vol. 23, N^o 61, 1993.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

_____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; QUADRAT, Samantha (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

- BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BLOCH, Étienne, CRUZ-RAMIREZ, Alfredo. *Marc Bloch: une biographie impossible*. Limoges: Culture & Patrimoine Limousin, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*, Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996, p 183-191.
- BURKE, Peter. *A escola dos annales: a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.
- _____. *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: UNESP, 1991.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- DUMOULIN, Olivier. *Marc Bloch o el compromiso del historiador*. Granada: Editorial Universidad de Granada-Servei de Publicacions de la Universitat de València, 2003
- FINK, Carole. *Marc Bloch: uma vida na história*. Oeiras: Celta, 1995.
- GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: _____ (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, s.d..
- GONÇALVES, Williams. “A Segunda Guerra Mundial”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão, ZENHA, Jorge Ferreira (orgs.). *O século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LABORIE, Pierre. “Historiens sous haute surveillance”. In: *Esprit* (nº 198). Paris, 1994
- _____. *Les Français des années troubles – de la guerre d’Espagne à la Libération*. Paris: Seuil, 2003.
- _____. “L’idée de Résistance, entre définition et sens: retour sur um questionnement”. In: _____ *Les Français des années troubles – de la guerre d’Espagne à la Libération*. Paris, Seuil, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MAYER, Arno. “Les pièges du souvenir”. *Esprit*, Paris, juillet 1993.
- NOIRIEL, Gerard. *Sur la “crise” de l’histoire*. Paris: Éditions Belin, 1996.
- NORA, Pierre. *Les lieux de memoire*. Paris: Gallimard, 1984.
- ORY, Pascal, SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels en France: de l’Affaire Dreyfus a nos jours*. Paris: Armand Colin, 2002.
- PAXTON, Robert. *La France de Vichy (1940-1944)*. Paris, Seuil, 1997.
- POLLACK, Michel. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vol. 5, n. 10, 1992.
- RICOEUR, Paul. *Memória, História, Esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2008.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era” In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janáina (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 93-101.

_____. *La hantisse du passé*. Entretien avec Phillipe Petit. Paris, Les Editions Textuel, 1998.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado – cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007

TAYLOR, A. J. P. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.